

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

**ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA: INFLUÊNCIAS HISTÓRICAS
O ORNAMENTO**

AUTOR: Ysabelle Botti Rodrigues

Orientador: Prof. Dr. Ademir Pereira dos Santos

SÃO PAULO

2013

YSABELLE BOTTI RODRIGUES

**ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA: INFLUÊNCIAS HISTÓRICAS
O ORNAMENTO**

Artigo Científico apresentado à Coordenação de Iniciação Científica como requisito à obtenção do certificado de conclusão da pesquisa desenvolvida no curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Ademir Pereira dos Santos

SÃO PAULO

2013

RESUMO

O ornamento sempre teve importância na vida do ser humano e na arquitetura, em um período foi adorado e dito como uma peça fundamental para a construção de um bom edifício, já em outro a visão era completamente diferente, visto como um vilão, como uma das coisas que poderiam ser descartadas da arquitetura e que não fazia falta, foi até apelidado de “mal da sociedade moderna”. Porém algo que não se pode negar é que cada época possui seu próprio ornamento, tanto antigamente quanto atualmente e é este o foco do estudo deste artigo. Existe um ornamento contemporâneo? Qual sua importância nos dias de hoje? Os arquitetos ainda guardam o rancor pelo ornamento que foi implantado pelo modernismo?

Palavras-chave: Ornamento. Modernismo. Pós-modernismo. Contemporâneo.

1. INTRODUÇÃO

O ornamento é presente na vida das pessoas de todas as formas, não só na parte de arquitetura, porém em outras áreas, não necessariamente chamado de ornamento, porém sim como sua função: Decoração e embelezamento.

Um exemplo é quando alguém tatua o próprio corpo ou fura as orelhas, esta pessoa está ornamentando seu corpo, tornando-o agradável para si, pois o ornamento pode ser visto de duas formas: Como algo pessoal, feito para o próprio bem estar do usuário e como algo para exibir, mostrar aos outros a importância ou até mesmo a beleza do objeto, edifício, ou qualquer coisa que queira ser decorada.

Na arquitetura o ornamento teve um papel fundamental, pois nos primórdios das civilizações, os edifícios possuíam poucos motivos para serem erguidos: Serem monumentos, para demonstrar a grandeza de um reino e o poder possuído ou para a adoração de alguma entidade. Nas duas opções o sentimento de grandeza era sempre importante, então, quanto mais monumental, mais cheio de detalhes e mais belo fosse o edifício, maior seria o poder de um reino ou de alguma entidade.

Nos dias de hoje não é muito diferente, o homem está sempre em busca de beleza e conforto, e o ornamento é capaz de transmitir essas duas sensações. Nos dias atuais a boa aparência é extremamente importante, não é agradável morar em uma casa em que o usuário não se sinta bem, não sinta que faça parte daquilo ou muito menos não se sinta confortável.

Porém a 80 anos, na era moderna, o ornamento teve seu momento de repúdio pela sociedade arquitetônica, a desculpa do “Porque é bonito” não era mais aceita, era visto como algo fútil, tudo devido ao pensamento racional trazido pela época em que a máquina era gloriosa e o capitalismo estava em alta. O ornamento já não tinha mais lugar.

2. OBJETIVOS

Inicialmente os objetivos eram conhecer e entender mais profundamente a arquitetura contemporânea, logo após os estudos e o desenvolvimento do artigo os objetivos se focaram em entender o que é o ornamento para a sociedade antiga e moderna e compreender a existência de um ornamento contemporâneo.

3. METODOLOGIA

A metodologia utilizada na pesquisa consiste em estudar dois teóricos importantes, de épocas diferentes, que possuem opiniões muito fortes, teorias importantes sobre a ornamentação e o tratam de formas bem distintas; estudar os estilos arquitetônicos denominados de Modernismo e Pós-modernismo podendo assim adquirir uma opinião sobre o ornamento em ambos os casos.

Para a pesquisa foram utilizados os métodos de leitura de textos, leitura de livros técnicos e teóricos, leitura de artigos científicos, de mestrado e pós-graduação.

4. PENSAMENTO ARQUITETÔNICO: ORNAMENTO E BELEZA

4.1 Leon Battista Alberti

Leon Battista Alberti nasceu no ano de 1404 em Gênova, na Itália vindo de uma família exilada de Florença. Em 1428 se formou em Bolonha no curso de Direito Canônico, no mesmo ano sua família era reintegrada aos direitos civis florentinos. Mudou-se para Roma por volta do ano 1432 onde se tornou abreviador Apostólico, um tempo depois se mudou novamente, indo para a região de San Martino, nos arredores de Florença, lá se tornou padre, foi nessa época que Alberti iniciou sua vida na arquitetura. Começou então a estudar os monumentos arquitetônicos romanos e a partir desse estudo

fez uma obra que mostrava um novo método de levantamento da planta da cidade. Ainda em Roma, Alberti escreveu mais algumas obras, que não eram reconhecidas como obras teóricas e sim como obras vulgares.

Quando voltou outra vez à Florença, conheceu e passou a conviver com vários estudiosos, artistas e arquitetos, porém se envolveu principalmente com um em especial, o arquiteto/escultor renascentista Filippo Brunelleschi e isso foi uma das maiores influências para que Alberti entrasse de vez no mundo das artes, principalmente com as de Florença. Todo esse envolvimento acaba por gerar o conjunto de textos denominados de “De Pictura” (1435).

Depois de outras viagens Alberti então volta para Roma e começa a escrever sua obra mais famosa, chamada de “Da Arte Edificatória” (*De re aedificatoria libri decem*), que é considerado o primeiro livro teórico de arquitetura, escrito no renascimento e mais tarde se tornou o primeiro livro de arquitetura a ser impresso.

Nessa obra Alberti reserva quatro livros exclusivamente para o tema ornamento, com isso pode ser notada a importância dada a tal tema. Alberti “ensina” a usar o ornamento de forma correta assim como também “ensina” a construir utilizando rejuntas, cores, pisos e revestimentos também como uma forma de ornamentação.

Nos dias de hoje Alberti é considerado um dos maiores teóricos da renascença, não só por suas obras, mas também por suas ideias e conceitos. Alberti admirava a beleza dos prédios, dos monumentos e das obras de arte. Para ele beleza é quando algo está em harmonia com todas as partes, e essas partes (que formam um todo) estão seguindo uma ordem, de acordo com ele: “Beleza seria uma certa boa medida entre as partes que formam um todo, composto de ,tal modo que nada lhe poderia ser acrescido, subtraído ou alterado sem resultar em perfeição menor.” (ALBERTI, 1452, p. 251).

Para Alberti essa beleza estava diretamente ligada à arte decorativa (ornamentação), tanto que baseava sua “ordem arquitetônica” em um sistema de proporções inspirado nas colunas, simbolizadas pelas ordens dos capitéis, simetria também era uma das técnicas mais bem vistas por Alberti.

Os primeiros trechos que Alberti cita a arte decorativa foi no livro “De Pictura”, Andrea Buchidid Loewen escreveu uma tese relacionando o ornamento e Alberti, em suas palavras: “Como na oratória, na arquitetura o ornamento é o grande instrumento dos tipos

e das partes que identificam os vários edifícios; ele corrige e aprimora suas formas e confere caráter, dignidade.” (LOEWEN, 2007, p.29)

O ornamento é algo que massageia o ego, ninguém quer ver algo, que pertence a si, feio, mal variado e sem graça, e o ornamento traz tudo isso: beleza, harmonia, felicidade e até conforto, para expressar esse pensamento Alberti usa o exemplo de um quarto, uma pessoa não se sente feliz em um quarto simples, logo se sente desconfortável, já em um quarto devidamente colorido, decorado, ou seja, ornamentado, o aconchego é maior, o conforto e a felicidade são inegáveis.

Então para Alberti, o ornamento é algo indispensável para a boa arquitetura, pois ele traz harmonia ao edifício e na época em que vivia quanto mais belo e harmônico um edifício, mais memorável e bem visto ele seria.

4.2 Adolf Loos.

Nasceu em Brünn, na Áustria, no dia 10 de dezembro 1870. Seu pai era um pedreiro que possuía conhecimentos, não só na área em que trabalhava, mas também na arte da escultura. Após a morte de seu pai, Loos estudou em escolas na própria Áustria e também na Alemanha, país onde em 1888 concluiu o curso técnico de Artes e Ofícios e entre 1889 e 1892 cursou Arquitetura e Urbanismo, logo depois indo para os Estados Unidos, onde trabalhou de pedreiro, igual seu pai.

Foi nesse país que Loos tomou conhecimento dos trabalhos de um arquiteto chamado Louis Sullivan e de suas ideias diferentes relacionadas à arquitetura. Sullivan possuía uma forte linha de raciocínio onde o falso uso de materiais e o uso excessivo de ornamentos eram um crime à sociedade moderna, e onde a horizontalidade e a mescla de materiais naturais no interior, baseados em um pensamento racionalista, eram o futuro da humanidade. Segundo pesquisas de historiadores foram esses textos e trabalhos de Sullivan, principalmente o livro chamado “Ornament in Architecture” de 1892, que influenciaram os pensamentos modernistas e anti-ornamentalistas de Loos.

Adolf Loos então, se tornou um dos precursores do modernismo, sendo uma referencia para essa linha de pensamento até hoje.

Nos dias de hoje, é muito conhecido por seus projetos, porém, principalmente por suas ideias radicais expressas em seus textos.

Após o conhecimento dos trabalhos de Sullivan, Loos adquiriu uma opinião muito crítica com relação ao ornamento, opiniões estas que estão polemicamente explanadas em seu livro mais conhecido “Ornamento e Delito”.

Era perceptível o desprezo de Loos para com a ornamentação, ele chegou a dizer que o ornamento era um dos males da sociedade moderna e que com o uso dele não seria possível evoluir culturalmente: “A evolução da cultura é equivalente à retirada de ornamentos dos objetos usuais” (LOOS, 1908, p.2).

Para Loos, o uso do ornamento era quase como um “atraso de vida” pois quando se ornamenta algo, acaba-se tendo uma demanda maior de trabalho, em seu livro, ele usou o exemplo de um artesão fazendo uma caixa.

Uma caixa ornamentada, feita por um artesão, com todos os detalhes necessários para possuir um padrão de “beleza” especificado pela sociedade da época, levaria o dobro de tempo para ser feita, nesse tempo é possível serem produzidas duas ou mais caixas, simples e úteis.

“A ausência do ornamento tem como resultado a diminuição do tempo de trabalho e um aumento de rendimento... Ornamento é força de trabalho desperdiçado e assim saúde desperdiçada.” (LOOS, 1908, p.6)

Afirmava ainda que era impossível criar um novo ornamento, todas as ideias de tipos de ornamento já haviam sido utilizadas, porém, isso seria na mente de Loos, algo bom, pois assim estariam livres do terrível e odioso elemento decorativo, mas o que Loos não imaginava é que o modernismo possuía sim seu próprio ornamento. Em seu imaginário, deveria existir uma dissociação do ornamento à cultura, ainda partindo do argumento de que não era possível criar um novo ornamento, dizia que aqueles que eram criados em sua época não possuíam nenhuma relação com eles, os

modernistas, completando com a frase:

“O ornamento moderno não tem nenhum pai e nenhum descendente, não tem nenhum passado e nenhum futuro.” (LOOS, 1908, p.6)

Fato é, Loos trouxe a tona a ideia de como o uso dos estilos antigos não pertenciam a sua época e que cada geração deveria ter seu próprio estilo e suas próprias ideias, no caso deles, o Modernismo e suas varias vertentes.

4.3 Ornamento e Modernidade

Em uma época onde o passado era vangloriado como arte suprema em meio às revoluções e mudanças de paradigmas o modernismo chega. A necessidade de uma fabricação em grande escala, de baixo custo, de casas foi um dos principais incentivos para o modernismo na arquitetura, com isso a industrialização e o uso de máquinas foram muito úteis, pois a produção poderia ser feita em massa, e é nesse ponto onde a negação do uso do ornamento entra. O ornamento, como vimos, demandava tempo e um enorme custo, sendo assim não teria vez nessa nova era onde expressões como a de Mies Van Der Rohe: “Less is more” (menos é mais) eram tidas quase como um mantra.

Como foi visto no capítulo sobre Loos, o ornamento e suas raízes históricas eram fielmente negados pelos arquitetos modernos, e o emprego de novos materiais, tais como o concreto armado, o aço e o vidro eram muito experimentados, porém a essência do modernismo estava na geometrização das obras, a busca pela forma perfeita, nas palavras de Marcos Moraes Sá autor do livro Ornamento e Modernismo:-.

Mais uma vez voltava-se ao purismo geométrico como ocorreu no Romântico, no Renascentismo e no Neoclassicismo, só que dessa vez sobre bases radicais. Para afirmar seu ideário o modernismo precisou não apenas satanizar o ornamento, mas também endeusar alguns princípios básicos: O *Zeitgeist*, a funcionalidade e a verdade estrutural e dos materiais. (SÁ, 2005, p.78)

Zeitgeist é um termo alemão, cujo seu conceito base foi introduzido por escritores românticos da Alemanha, significa “Espírito da época, espírito do tempo”, essa expressão é usada pelos modernistas como idéia base para seus argumentos. Loos usou muito ele em seu texto citando esse “espírito da época” dizendo que a arquitetura devia condizer com a época em que viviam.

Esses novos edifícios construídos com ideais modernos possuíam bases bem racionais, sendo assim um prédio não estava lá apenas para ser “bonito”, uma edificação deveria ser útil, assim sua arquitetura deveria ser feita exclusivamente, direcionada ao seu uso, daí vem a expressão moderna tão conhecida: “Forma - Função”.

Como o modernismo criticava muito o ornamento, esse estava praticamente abolido da arquitetura daquela época. Será que estava mesmo?

No livro “Ornamento e Modernismo”, Marcos Moraes de Sá expõe uma ideia diferente, os modernistas pensaram sim que ao negarem elemento decorativo estariam tirando-os de vez de sua arquitetura porém eles apenas estavam substituindo as velhas colunas gregas e os velhos adornos por novos ornamentos, mesmo que sem intenção. Essa “substituição” ocorreu com:

- Utilização de novos materiais, como concreto armado, vidro e aço;
- Os próprios elementos estruturais como: pilares, vigas, estrutura aparente, materialidade e textura;
- O edifício em si adquiria um ar tão monumental que ele próprio se tornava o ornamento.

A substituição do ornamento arquitetônico pela força dos materiais revela que a cor, a textura, o sentido gráfico, a densidade, a resistência, entre outras qualidades específicas dos materiais, funcionariam como elementos de composição arquitetônica (SÁ, 2005, pgs. 84 e 85)

A idealização de formas perfeitas e puras se tornou algo tão simplório que tornava o ornamento clássico, algo dispensável. Marcos Moraes de Sá com todos seus estudos e pesquisas conseguiu chegar a algumas teorias sobre o ornamento moderno e é muito importante citar duas das três teorias para a compreensão desse novo ornamento. A primeira tratando “*O material como um novo ornamento*”, que diz que o ornamento foi substituído pelos materiais, especialmente aqueles que condizem com o revestimento, como cores e texturas. Materiais como vidro e concreto ganharam grande destaque, principalmente o concreto. A valorização dos elementos estruturais também condiz com o nome de ornamento moderno.

A partir do que foi exposto, o ornamento não teria sido excluído e sim substituído por outros elementos, os quais poderiam chamar de ornamentos modernos. Nesse caso entende-se que teria havido uma transformação da aparência formal do ornamento, um deslocamento semântico, uma resignação do mesmo. (SÁ, 2005, p.99)

A palavra ornamento aparentemente tem um significado muito forte, por isso esses elementos não são reconhecidos como ornamentos, pois os teóricos modernistas não os colocariam jamais desta forma.

A segunda nomeada de “*A forma como um novo ornamento*”, que mencionava a transformação da forma como um ornamento, fazendo o edifício ser um grande e monumental ornamento. A força arquetípica do ornamento é tão imensa que ele teria deixado de fazer parte do edifício para se tornar o edifício. Então, descobre-se que o modernismo, apesar de todas as críticas, conseguiu fazer o que Loos dizia impossível, criar um novo tipo, uma nova concepção de ornamento, chamado de ornamento moderno, porém que os próprios modernistas jamais admitiriam e aceitariam.

4.4 – O ornamento e a Arquitetura Contemporânea.

Logo no começo da pesquisa, algumas perguntas foram feitas, perguntas que sem sua resposta não poderia haver uma conclusão para este artigo: O que é contemporâneo? Existe um “estilo” de arquitetura contemporânea? Se sim, qual? Depois de uma longa discussão, pesquisas e buscas ao dicionário, chegou-se a conclusão de que não existe uma arquitetura contemporânea igual é possível observar em outros estilos, como o clássico, gótico ou moderno. De acordo com o dicionário Aurélio: “*adj.sm. Que ou aquele que é o mesmo tempo, ou do nosso tempo ;coevo, coetâneo.*”

A partir disto, pode ser presumido que o contemporâneo é renovado a cada nova geração, em 300 a.C o contemporâneo era a arquitetura grega, em 1920 o contemporâneo era a arquitetura moderna. Porém na época em que vivemos no século XXI o mais próximo de contemporâneo é, por incrível que pareça, o pós-modernismo. O pós-moderno surge nos anos 60 em resposta ao modernismo, porém nos anos 60 era mais voltado para o lado urbanístico com Jane Jacobs, seu auge foi nos anos 80, sendo o pós-modernismo que conhecemos, onde criticar o modernismo e sua revolta com o ornamento era o fundamental, para isso se utilizavam do uso excessivo de referências históricas, chegando até a serem ironizados em certos momentos.

O pós-modernismo surge para resgatar essas ideias do passado que foram esquecidas e deixadas de lado pelo movimento moderno, surge também para criticar especificamente uma das vertentes do modernismo: O estilo internacional, que nada mais é do que aquelas idéias funcionalistas explanadas no capítulo anterior, podendo ser encontrada em grandes arquitetos como Le Corbusier e em grandes escolas como a alemã Bauhaus, que é justamente essa arquitetura racional que diz que a forma deve seguir especificamente a função e nada mais, que um edifício antes de ser belo tem que ser útil. E é justamente para se opor a esse estilo internacional que eles propositalmente resgataram os estilos do passado, apesar de ainda possuir uma nova face, afinal de contas a arquitetura criada e chamada de moderna não devia ser esquecida, pois não era de um todo ruim, então ainda seria utilizada pelos pós-modernistas (e é usada até hoje) porém todos os estilos antigos eram resgatados e “remodelados”.

Renata Thaís Bomm e Usha Digiacomio (2009, p.7), em seu trabalho de pós-graduação, fazem uma relação frases ditas por teóricos a respeito do pós-modernismo é importante citar as definições de Jean-François Lyotard, um dos maiores importantes filósofos franceses teóricos do pós-modernismo, expressa bem essa ideia:

“Eu diria que é uma espécie de bricolagem: a alta frequência de citações de elementos de estilos ou períodos prévios (clássico ou moderno) desconsiderando o meio ambiente.” (LYOTARD, 1993). E de Charles Jencks, que diz:

Nós estamos em uma era Radicalmente Eclética. Pós-modernismo é uma arte populista-pluralista de comunicabilidade imediata. Pós-modernismo é caracterizado pelo estilo de duplo-código que se baseia na seguinte verdade: o objeto deve atrair tanto o gosto erudito como o popular. Deve ser interessante de maneiras diversas para pessoas diferentes, ou para uma mesma pessoa, trazer diferentes sentidos. (JENCKS, 1984)

Como qualquer nova ideia, alguns teóricos aceitaram bem e até idolatraram, de certa forma, o pós-modernismo, porém como muitos achavam, o pós-modernismo não veio para substituir a estética modernista, pelo contrario, como dito acima, ele fez a junção do modernismo com os estilos antigos.

Assim como no modernismo, o pós-modernismo trouxe consigo várias vertentes, estilos dentro de um estilo, dentre eles podemos encontrar uma arquitetura mais pop, neopurismo, arquitetura racional, regionalismo critico, historicismo e o revivalismo, esses dois últimos são os que mais se conectam com o tema desta pesquisa.

O historicismo, muitas vezes chamado de historicismo abstrato, é uma das palavras chaves para o pós-moderno, pois ela expressa de forma mais acentuada e imponente as características desse estilo, de acordo com Silvio Colin:

Melhor do que qualquer outra manifestação, ela expressa as mais fortes características do pós-moderno; não somente a memória histórica, o ornamento, a representação, mas também o humor, a ironia, e mesmo o bizarro, o grotesco, a insolência, que seriam intoleráveis para os modernistas e se constituíram no principal pretexto para o ataque reativo. Na verdade, essa atitude pós-modernista é uma estocada no coração dos modernistas, desde que a luta contra o ornamento foi uma das principais batalhas. (COLIN, 2004, p.67)

Essa vertente se afastou da forma original de propósito para que mudasse a natureza das formas dos edifícios, critica principalmente a rigidez do modernismo e a forma com que ele ignorava a forma arquitetônica, fazendo apenas quadrados.

É por conta desta forma despojada e até grotesca de representar a arquitetura histórica, retomando os elementos antigos de forma exagerada com cores chamativas e até em escalas diferentes que este movimento foi o mais criticado dentro do pós-modernismo e o que se desgastou mais rapidamente.

Já o revivalismo, que diferente do historicismo, levava a sério essa retomada dos estilos antigos, essa vertente foi muito usada no século XIX, época em que a Europa se encontrava em um momento muito confuso de sua história, assim eram praticados os “NEOS”: neoclássico, neogótico, neobizantino e etc.

O revivalismo exige que o arquiteto tenha um conhecimento mais detalhado dos princípios de cada estilo arquitetônico e de suas formas também, de acordo com Colin:

Seu nascimento se deve à prática de restauro de monumentos e revitalização de centros históricos abalados – quando não completamente destruídos – pela Segunda Guerra Mundial. Os arquitetos preservacionistas, que, sob o signo do modernismo, eram marginalizados e obrigados a assistir a condenação dos centros históricos em nome do “progresso”, viram nesta prática uma nova possibilidade de arejar e implantar suas ideias. (COLIN, 2004, p.71)

Com base na leitura dessas duas vertentes do pós-modernismo, percebe-se que o ornamento é trazido de duas formas diferentes, uma quase como um deboche do modernismo, usando e abusando do ornamento de forma escrachada e irônica, já o outro, que com bases na preservação do patrimônio histórico, trouxe de volta o ornamento na sua forma original, sendo fiel a cada um dos estilos e levando mais a sério a história na arquitetura.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

É mais do que comprovado que o ornamento contemporâneo existe e é muito utilizado, esse ornamento nada mais nada menos é do que uma mescla de estilos, uma junção de épocas e ideais diferentes: Os ornamentos e elementos históricos com a arquitetura criada no modernismo. Pois apesar de o pós-modernismo ter surgido para criticar seu antecessor, não iriam ignorar e deixar de lado a arquitetura útil e muito bem aceita que foi criada nessa época.

6. REFERÊNCIAS

ALBERTI, Leon Battista. **De re aedificatoria**. Roma, 1452. Tradução: Marco Aurelio Lagonegro. São Paulo, 2012

BIOGRAFIA Adolf Loos. Babel. Disponível em: <
http://www.eesc.usp.br/babel/loos_biografia.htm> Acesso em: 20/08/2013

BIOGRAFIA Leon Battista Alberti. Babel. Disponível em: <
http://www.eesc.usp.br/babel/Alberti_biografia.htm> Acesso em: 30/08/2013

BOMM, Renata Thaís; DIGIACOMO, Usha. **Ideia, Método e Linguagem Na Arquitetura Pós-Moderna**. Trabalho de pós-graduação. Florianópolis, 2009.

COLIN, Silvio. **Pós-Modernismo: Repensando a arquitetura**. Rio de Janeiro: UAPE, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio**. Editora Nova Fronteira, 1986.

GHIRARDO, Diane. **Arquitetura Contemporânea: Uma história Concisa**. São Paulo: Martins fontes, 2009.

JENCKS, Charles. **El Lenguaje da La Arquitectura Posmoderna**. Espanha: GG, 1984.

JENCKS, Charles. **What is Post-Modernism?** Academy Editions, 1996.

LOEWEN, Andrea Buchidid. **Lux pulchritudinis: sobre beleza e ornamento em Leon Battista Alberti**. Tese de doutorado. São Paulo, 2007, Disponível em:
< <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-19052010-114309/pt-br.php>>
Acesso em: 03/09/2013.

LOOS, Adolf. **Ornamento e Delito**, 1908. In: www.eesc.usp.br/babel. Tradução de Anja Pratschke, 2001-2002.

PINHEIRO, Olympio José/ PANTALEÃO, Lucas Farinelli. **Ornamentalismo: O Espírito Das Artes E Do Design No Contexto Do Pós-Modernismo**. Rio de Janeiro, 2011.
Disponível em: < <http://www.anpap.org.br/anais/2011/html/chtca.html> > Acesso em: 03/09/2013.

SÁ, Marcos Moraes. **Ornamento e Modernidade: Construção de imagens na arquitetura**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

ZEVI, Bruno. **Historia de la arquitectura moderna**. Editora: Emecé editores, S. A. – Buenos Aires, 1954.